

AO COMITÊ CENTRAL:

O CR de São Paulo, ao tratar das questões de organização e, sobretudo, da construção do Partido em São Paulo, deparou-se, mais uma vez, com um quadro de dificuldades que, descontados alguns poucos avanços obtidos no terreno da pequenez e da impotência, permanece sendo crítico quanto às perspectivas de construção do PRC na região.

Neste sentido, resolveu encaminhar, formalmente ao Comitê Central, por intermédio do secretariado do CR de São Paulo, um conjunto de preocupações, que aqui aparecem da maneira mais sintética possível.

Não se trata de um mero diagnóstico político-organizativo do Partido em São Paulo, tão pouco de elencar os aspectos que projetam esta megalópole como o coração da luta de classes no Brasil, já que, em tese, ninguém os desconhece. Trata-se, essencialmente, de situar o que o CR considera a via principal para uma virada significativa para os rumos do Partido em São Paulo, fundamental para potencializar a construção nacionalmente.

Cabe, assim, lembrar ao Comitê Central, que a importância corretamente atribuída à São Paulo e a prioridade indiscutível das tarefas de construção neste centro motor do país, não obtiveram, ainda, um tratamento à altura de suas necessidades mínimas. A timidez das medidas adotadas até agora pelo CC, incapazes, portanto, de qualquer mudança de qualidade no quadro do partido em São Paulo, contrasta com a letra dos textos partidários, revelando uma resistência em atacar de frente as questões político-ideológicas e organizativas que, há tanto tempo, aguardam respostas.

Respostas que, sem sombra de dúvida, não serão oferecidas pela intervenção solitária do organismo dirigente da região, dadas a sua magnitude e a impossibilidade de um CR pequeno e, além de tudo, fraco do ponto de vista teórico e político, alcançar pleno êxito nesta empreitada, por maior que seja o seu esforço.

Aqui reside, precisamente, o principal ponto de estrangulamento do partido em São Paulo. Com um CR pequeno e com um número ainda mais reduzido de quadros com experiência nas tarefas de direção e organização e com uma formação teórica débil, será capaz de produzir uma qualidade nova para e na vida do partido ?

Como, nestas circunstâncias, será possível executar uma política de recrutamento sobre as mais destacadas lideranças do movimento operário e popular e sobre a intelectualidade marxista ?

Como construir um centro de estudos, capaz de se forjar enquanto um polo formador e aglutinador do pensamento comunista e revolucionário e exercer influência numa parcela considerável de ativistas nas variadas frentes de massa ?

Como garantir a formação de quadros dirigentes em condições de cobrir as inúmeras esferas do trabalho de direção regional e de direção intermediárias, sem a presença de quadros formadores voltados para São Paulo ?

Como travar, em condições mais favoráveis, a disputa política-ideológica no PT e na CUT, influenciando nacionalmente os rumos destas duas frentes prioritárias de luta, já que é na região que se situa o principal campo de batalha ?

Como possibilitar que o processo do III Congresso se transforme num período de debates amplos para fora das fileiras partidárias, despertando a atenção e engajando um grande contingente de ativistas e lideranças operárias e populares, além de estabelecer um novo patamar de discussões

com grupos da esquerda organizada, de comunistas independentes e de intelectuais marxistas ?

Como, enfim, viabilizar estrategicamente a construção de uma verdadeira vanguarda do proletariado com uma atividade teórica, ideológica e política absolutamente incipiente, na região do país que influencia o todo ?

Por o dedo, urgentemente, nestas feridas é do que se trata. São questões que não poderão ser resolvidas apenas com linhas e táticas políticas justas. Nem mesmo pelo esforço militante de alguns poucos quadros. Têm um sentido estratégico evidente. São questões cruciais de partido, que só podem adquirir um potencial de superação pela interferência direta de quadros de alto nível dedicados às tarefas de organização e construção em São Paulo, posto que uma corrente de pensamento que aqui se volta organizadamente com primordialidade se irradia nacionalmente.

Não basta, portanto, quadros de porte sediados na região, mas voltados quase que exclusivamente, para as tarefas nacionais. Pois, em primeiro lugar, é necessário ter presente que há uma dimensão das tarefas nacionais que se refere a São Paulo, que precisa ser resolvida do ponto de vista prático, partidariamente.

Em segundo lugar, a região não pode prescindir de quadros que venham a se dedicar às tarefas políticas e organizativas próprias, com exclusividade.

As questões que enunciamos mais atrás são desafios postos para o partido, que só podem ser enfrentados em condições mais favoráveis se, ao nosso ver, forem atendidas estas duas premissas que apontamos.

Se bem, é verdade, que não está aí a receita para todos os males, e nem é isso que estamos imaginando. Certamente são algumas das principais medidas para se atacar os problemas e garantir certas vitórias de peso.

Formar novos quadros em escala minimamente satisfatória; garantir credibilidade e respeitabilidade a um centro de estudos, que seja um dinamizador da luta político-ideológica; recrutar para o partido as melhores lideranças do movimento de massas; influenciar positivamente nos rumos do PT e da CUT; animar com a perspectiva do III Congresso a luta pelo partido de vanguarda etc, são problemas chaves que dependem, em muito, da qualidade de nossa intervenção, que não pode ser alcançada, somente nem principalmente, pelo espírito de sacrifício e dedicação. Antes requerem a presença ativa de quadros capacitados, sem o que a própria militância perde força e energia e o seu produto são as crises inevitáveis.

Obviamente, o CR de São Paulo não está sugerindo, e compete deixar isto claro, o deslocamento da totalidade do CC e dos melhores quadros para São Paulo. Porém, quer ver respondidas, sem mais protelações, a estas duas ordens de questões levantadas; de um lado, o equacionamento da dimensão das tarefas nacionais que dizem respeito à região, e de outro, uma política de deslocamento de quadros para as tarefas regionais, com o objetivo de compor um CR forte, um núcleo efetivo de direção partidária, dando prioridade, para efeito mais imediato, ao deslocamento de um quadro intelectual que amplie o poder de elaboração do partido, tendo em vista a luta político-ideológica, e de um quadro organizador do partido, capaz de colaborar decisivamente para dar um sentido partidário elevado à vida interna do partido.

Por fim, solicitamos ao CC que remeta cópias deste texto a todos os CRs e COs do partido.

O CR de São Paulo
outubro/87